



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

GEOGRAFIA ESCOLAR COMO TERRITÓRIO DE DISPUTA: CURRÍCULO, PRÁTICA DOCENTE E INTERSECCIONALIDADE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Bárbara Oliveira de Morais¹
Ellen Bilheiro Bragança Wittmann²
Rayannie Mendes de Oliveira³

RESUMO: Este trabalho parte da observação de uma aula de Geografia durante o estágio supervisionado em uma escola pública da Educação Básica. O objetivo é refletir sobre as potencialidades da Geografia escolar como campo de enfrentamento às desigualdades sociais, considerando a articulação entre currículo, práticas pedagógicas e marcadores sociais da diferença. A metodologia adotada foi o relato de experiência, com base na observação participante, articulando teoria e prática de forma crítica. A análise revelou que o currículo se configura como espaço de disputas e de produção de subjetividades, onde certas normatividades são reforçadas, mas também podem ser tensionadas por práticas mais inclusivas. A experiência demonstrou que, mesmo sem nomear diretamente a interseccionalidade, é possível promover discussões sensíveis às desigualdades socioespaciais. Conclui-se que a Geografia, enquanto componente curricular, pode contribuir para uma educação mais plural, crítica e comprometida com a transformação social.

Palavras-Chaves: Interseccionalidade; Geografia Escolar; Currículo; Estágio Supervisionado

INTRODUÇÃO

Ao considerar o conceito de interseccionalidade como uma ferramenta analítica potente para refletir sobre as relações entre sujeitos, saberes e currículos, este trabalho propõe inserir a Geografia como campo de conhecimento fundamental tanto na produção quanto na contestação das desigualdades sociais. A Geografia escolar, em articulação com outras ciências humanas, permite questionar as formas como os corpos negros, indígenas, periféricos e LGBTQIAPN+ são espacializados e, frequentemente, marginalizados pelas narrativas hegemônicas sobre território, cidadania e identidade nacional. A sala de aula, nesse sentido, se configura como um espaço político de disputa, onde o currículo pode (e deve) ser tensionado para acolher outras epistemologias, vivências e territorialidades.

Este trabalho parte da experiência de uma observação de estágio supervisionado realizada durante minha formação em Licenciatura em Geografia, em uma escola pública da Educação Básica. A aula observada foi conduzida por uma professora parda, que estruturou sua prática pedagógica com base em uma abordagem crítica e sensível às desigualdades

¹ Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: bomorais@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Contato: ellenbilheiro@ufrj.br

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Contato: rayannie92@gmail.com



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

socioespaciais. A proposta explorava as relações entre espaço urbano, território e exclusão, mobilizando discussões que, mesmo sem nomear diretamente o conceito de interseccionalidade, permitiram aos estudantes refletir sobre como raça, classe, gênero e território se entrelaçam na produção das desigualdades nas cidades.

Para tanto, estabelecemos como objetivo geral dialogar sobre as potencialidades da Geografia escolar como campo de enfrentamento às desigualdades sociais a partir da análise de uma aula observada durante o estágio supervisionado, com ênfase na articulação entre práticas pedagógicas críticas e abordagens interseccionais. E como objetivos específicos, analisar como a aula observada problematizou as desigualdades socioespaciais a partir de uma abordagem sensível às questões de raça, classe e território; identificar elementos da prática docente que contribuíram para a construção de um currículo mais inclusivo e crítico; demonstrar o papel da formação docente na construção de práticas pedagógicas interseccionais e antirracistas no ensino de Geografia;

METODOLOGIA

Os corpos que habitam a escola não chegam até ela de forma neutra: são corpos marcados por inscrições sociais que antecedem a sala de aula e continuam sendo reforçadas ou tensionadas por ela. Raça, gênero, classe e território são marcas estruturantes que atravessam os sujeitos escolares, produzindo diferentes experiências de escolarização. A observação de estágio realizada durante a formação em Licenciatura em Geografia revelou como o cotidiano escolar é permeado por essas desigualdades, mas também por práticas pedagógicas que buscam resistir a elas.

Desse modo, utilizamos o relato de prática de experiência pedagógica como abordagem metodológica, a partir da observação participante realizada durante o estágio supervisionado obrigatório em uma escola pública da Educação Básica no ano de 2023. Conforme aponta Mussi et al. (2021), o relato de experiência constitui uma modalidade de produção de conhecimento em que a vivência acadêmica, por ser oriunda do ensino, da pesquisa ou da extensão é colocada em análise crítica, articulando prática e teoria. Assim, o presente relato se propõe a descrever a experiência vivenciada no estágio, mas também a tencioná-la à luz de referenciais teóricos que discutem currículo, interseccionalidade e práticas pedagógicas críticas, contribuindo para uma



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

formação docente comprometida com a desconstrução de estereótipos e com a produção de sentidos educativos emancipatórios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de estágio evidenciou como a sala de aula pode ser compreendida como território em disputa, em que diferentes saberes, corpos e vivências são colocados em jogo. Arroyo (2014) contribui para essa reflexão ao compreender o currículo como território marcado por lutas simbólicas e políticas, onde professores e estudantes disputam sentidos, identidades e reconhecimentos. Assim como o espaço geográfico é atravessado por relações de poder, o currículo também carrega marcas de exclusão, silenciamento e normatividade, exigindo práticas pedagógicas que tensionem essas estruturas e possibilitem a emergência de vozes dissidentes.

Assim como o espaço geográfico é atravessado por relações de poder, o currículo também carrega marcas de exclusão, silenciamento e normatividade, demandando práticas pedagógicas que tensionem essas estruturas. Inspirada na noção de problematização de Foucault (2006), a observação da aula nos permitiu questionar como temas recorrentes da Geografia escolar como a urbanização e as desigualdades socioespaciais podem ser tomados como entradas para discutir marcadores de raça, gênero e classe que atravessam os territórios e os corpos dos sujeitos escolares.

Essa compreensão da sala de aula como território de disputas encontra ressonância no debate proposto por Costa (2021), ao afirmar que o discurso da diversidade, embora coloque em pauta as demandas de grupos historicamente não visibilizados, deve ser tensionado para além da mera retórica de tolerância. É preciso problematizar as noções de identidade, diferença e diversidade que circulam nos espaços escolares, compreendendo como a sexualidade e o gênero são produzidos, normatizados e frequentemente excluídos tanto no currículo formal quanto no currículo oculto.

Durante a observação de estágio, percebemos que essas normatividades operam de maneira silenciosa, por vezes sutil, moldando comportamentos, expectativas e interações em sala de aula. Embora a aula observada tenha problematizado desigualdades socioespaciais e territórios racializados, a ausência de uma abordagem explícita sobre sexualidade e gênero



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

revela os limites da diversidade enquanto política pedagógica. Como aponta Costa (2021), não basta incluir a diferença como objeto de estudo ou celebração pontual: é necessário questionar os dispositivos de poder que operam na exclusão das vivências dissidentes e na reprodução da heteronormatividade.

A essa leitura crítica do currículo somam-se as contribuições de Oliveira (2012; 2016), que propõe compreender os currículos não como prescrições lineares e fixas, mas como construções vivas e cotidianas, produzidas pelos sujeitos escolares a partir de seus saberes, convicções, interações e experiências situadas. Essa perspectiva entende o currículo como movimento circular entre teoria e prática, entre pensar e fazer, que escapa ao modelo normativo dos documentos oficiais e revela a força das práticas em sua dimensão criativa e política.

Do mesmo modo, Alves (2016) reforça que não há currículo que se constitua à margem da vida cotidiana e de suas tensões, instabilidades e exigências. Ao observar a prática docente durante o estágio, foi possível perceber que o que se ensina, como se ensina e o que se silencia são atravessados por essas forças que habitam o cotidiano escolar e que fazem do currículo um campo dinâmico de disputas, resistências e invenções.

Nesse contexto, a interseccionalidade se mostra essencial para compreender como os marcadores de raça, gênero, classe, território e sexualidade se articulam na produção das desigualdades educacionais. Ao analisar o currículo como espaço relacional e político, marcado por silenciamentos e disputas, reforça-se a importância de práticas pedagógicas que desafiem essas normas e criem possibilidades para a construção de uma escola mais justa, plural e emancipadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da prática pedagógica observada durante o estágio supervisionado permitiu compreender o currículo como um campo vivo, relacional e político, em constante disputa. A Geografia escolar mostrou-se um espaço fértil para a problematização das desigualdades socioespaciais, revelando como questões de raça, classe, gênero e território atravessam os corpos e os saberes escolares. Ainda que a interseccionalidade não tenha sido nomeada explicitamente, os efeitos de sua ausência e de sua potência crítica foram perceptíveis ao longo da experiência.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Buscamos com o presente relato contribuir para a compreensão de que os currículos são construções cotidianas, tensionadas pelas práticas docentes e pelas vivências dos estudantes. Essas práticas, por sua vez, podem tanto reproduzir normatividades quanto abrir caminhos para currículos mais justos, inclusivos e emancipatórios. Assim, reforçamos a relevância da formação docente comprometida com práticas pedagógicas críticas e interseccionais, capazes de articular o conteúdo técnico à experiência vivida dos sujeitos escolares.

Para pesquisas futuras, propõe-se o aprofundamento da análise sobre como os marcadores de sexualidade e gênero podem ser integrados às aulas de Geografia de forma sensível, crítica e situada, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, contribuindo para a construção de uma escola mais plural, antidiscriminatória e comprometida com a transformação social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola**. 6ªed. Petrópolis: DP et Alii, 2016.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Editora Vozes Limitada, 2014.

COSTA, José Carlos Lima. EDUCAÇÃO, GÊNERO E DIFERENÇA: TERRITÓRIOS DE SABERES, PODERES E, p. 50. In: **Gêneros e sexualidades: tensões e desafios na Educação** [recurso eletrônico] / organização, Sirlene Mota Pinheiro da Silva, Raimunda Nonata da Silva Machado, Tatiane da Silva Sales. — São Luís: EDUFMA, 2021, p. 255.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política. Ditos & Escritos V**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista-BA, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos pensados-praticados. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, ago. 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.